

MÁRIO SCHEMBERG

L. e L. — Pode-se traçar um paralelo entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP anterior a 64, e a atual?

M.S. — Eu não sei, porque antes a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras era muito mais abrangente. Agora o que chamam aí de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas é muito menos abrangente do que a antiga Faculdade de Filosofia, não é? A antiga Faculdade de Filosofia, além de Letras, História, Filosofia, etc., tinha também Matemática, tinha Física, tinha Biologia. Na realidade, a gente pode dizer o seguinte: a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras era uma universidade em si mesma. Uma universidade que apenas não tinha as escolas técnicas, escolas como Engenharia, Medicina, Direito, etc. Mas a Faculdade de Filosofia cobria todos os campos do saber humano, porque tinha Física, tinha Química, tinha Biologia, tinha tudo isso. A nova Faculdade de Filosofia já não cobre essa área toda. Grande parte dessas ciências naturais, exatas, etc., já estão fora da atual Faculdade de Filosofia.

L. e L. — Esse processo de desintegração foi benéfico ou maléfico, para o espírito da Universidade?

M.S. — Eu acho que foi maléfico, acho que não foi bom, que foi ruim, porque aquilo era uma Universidade, mais ou menos, porque as escolas técnicas é que podem ou não fazer parte da Universidade, mas as demais têm que constituir uma Universidade: o estudo da Ciência, das Letras, Filosofia, etc. A escola técnica tinha, assim, um caráter diferente diante das situações, porque não faziam parte da cultura das Universidades européias. Mesmo na Alemanha, eles tinham a Universidade técnica separada. A Universidade propriamente dita correspondia à nossa FFCL e cobria todas as áreas do saber humano.

L. e L. — Modelo europeu, não?

M.S. — Modelo europeu. Agora, com esta reforma se alterou completamente o espírito da Faculdade de Filosofia. Essa reforma foi em grande parte inspirada por um modelo americano, não por um modelo europeu. E por um modelo americano, eu diria, medíocre. Porque nos Estados Unidos, as Universidades são muito variadas. Tem desde Universidade de alto nível, feito a Harvard, e tem Universidade de nível baixíssimo. O modelo universitário que foi proposto aqui, foi de uma Universidade americana, mas bastante medíocre. Essa situação já causou prejuízo grave, porque antigamente, no prédio em que a gente trabalhava, na Maria Antonia, uma parte da Física estava lá embaixo. A gente descendo encontrava a Matemática, encontrava Estatística, mas encontrava também áreas em Ciências Sociais, etc. Havia de tudo. Acabava encontrando mesmo por acaso, nos corredores. Quer dizer, havia realmente uma Universidade, agora não há.

L. e L. — O prof. Cruz Costa costumava dizer que a gente aprendia mais nos corredores da Maria Antonia, do que propriamente nas salas de aula.

M.S. — Mas é claro, porque era nos corredores que se estabelecia o contato de pessoa para pessoa, com gente de áreas diferentes. Havia facilidade de contato. Por isso houve a preocupação de separar: não apenas houve divisão administrativa, mas houve a tentativa de separar fisicamente as coisas. Tanto que fizeram aqueles prédios da Cidade Universitária muito afastados uns dos outros.

L. e L. — O que foi historicamente perfeito.

M.S. — Pois é.

L. e L. — Para desintegrar

M.S. — Para desintegrar

L. e L. — Foi casual, essa separação física?

M.S. — Não foi, não. A separação física talvez tenha sido um tanto casual, mas houve uma intenção. Tanto que eles suprimiram todos os órgãos onde se podiam encontrar pessoas de áreas diferentes. Eles queriam fracionar a Universidade.

L. e L. — Até bares.

M.S. — É, bares, qualquer lugar de encontro foi suprimido. Não só dos professores como dos estudantes.

L. e L. — E também dos estudantes com os professores.

M.S. — É, dos estudantes com os professores, e também entre as várias escolas que ficaram em prédios muito longe uns dos outros. Eu acho que isso não foi por acaso, que foi deliberado. Como foi deliberada a mudança da Cidade Universitária, pra isolar a Universidade da cidade. A Universidade precisava ficar uma coisa isolada da cidade, sob controle, e mesmo lá dentro, tudo fragmentado o mais possível.

L. e L. — Por que o sr. acha que esse tipo de vida universitária que havia antes preocupava tanto o poder, a sociedade? Por que? Por que tanta cisma?

M.S. — Sabe como é, a Universidade, potencialmente, era um foco de resistência ao governo militar. Quer dizer, a tendência sempre foi essa em cada Universidade. Em todas essas ditaduras fascistas ou fascistóides, que houve por aí, as Universidades sempre foram centros de resistência às ditaduras. Então eles queriam enfraquecer a Universidade aqui, para a Universidade não ter possibilidade nenhuma de se tornar um centro mais eficaz de resistência. Sem contar que adotaram inclusive um regime de terror, porque se tornava um espetáculo comum as salas de aula serem invadidas pra prender estudantes lá dentro. Não só foram presos como levados e assassinados. Mas era todo um sistema. Dividir pessoal de áreas diferentes, afastar até fisicamente, pra dificultar o contato, acabar com lugar de reunião. Então foi isso. Acho que esse foi o efeito. A própria estrutura universitária não foi implantada democraticamente, mas imposta. Tudo isso afetou muito a Universidade. Porque até se pode dizer que deixou de existir uma Universidade. Há uma pseudo-universidade. Há escolas isoladas, o que era a velha tradição brasileira. Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Escola Politécnica, na verdade, eram escolas situadas muito longe umas das outras. Então, esse espírito das velhas escolas foi o que se implantou na nova Universidade: no antigo espírito da Faculdade de Filosofia, compreende? Já havia uma tradição mais antiga de universi-

dades brasileiras, que não eram Universidades, eram escolas separadas. A Faculdade de Medicina tinha sua vida completamente isolada. Sua administração interna não dependia de nada, a Politécnica idem, a Faculdade de Direito também.

L. e L. — Então o que o sr. está dizendo é que essa reforma modernizadora que ocorreu em 68 nas Universidades, na realidade é uma reforma não modernizadora, que volta atrás.

M.S. — E que é conservadora e reacionária, é voltar à tradição do século XIX, das escolas isoladas.

L. e L. — Pré-universitária, digamos assim.

M.S. — Pré-universitária. Só que agora, digamos, além das escolas tradicionais, tinha várias escolas que nasceram do desmembramento da velha Faculdade de Filosofia. Essas escolas de Ciências, Física, Matemática, Biologia, Química, uma porção delas, nascidas na Faculdade, agora viraram Institutos: Instituto de Matemática, de Física, mas entre esses institutos não há praticamente contato nenhum, o contato é mínimo. Depois de 64, realmente houve uma mudança completa da estrutura universitária. E em grande parte revertendo ao modelo mais antigo das escolas isoladas.

L. e L. — Isso é que é pior. É mais um caso de falsa modernização.

M.S. — É uma pseudo-modernização. A meu ver, outra coisa que foi muito ruim, foi o excessivo alongamento do curso universitário.

L. e L. — Com a pós-graduação?

M.S. — É, com a pós-graduação, enfim, com o doutoramento. Então agora o aluno leva 15 anos pra fazer um curso, incluindo mestrado e doutoramento. É uma barbaridade.

L. e L. — Quando não dá mais.

M.S. — Não só é barbaridade, é uma coisa completamente contra a biologia humana, vamos dizer assim. Porque o que se sabe é que o homem tem maior poder de trabalho, de realização exatamente neste período da vida. Isso foi reconhecido até no serviço militar; antigamente a pessoa

só era recrutada com 21 anos. Hoje em dia se recruta com 18. Por que? Porque se compreende que a pessoa que chega com 21 anos já está relativamente envelhecida. Já não está com o mesmo potencial físico que teria com 18 anos. Sem contar outras idades. Já nesses anos diminui o potencial. Então, na melhor tradição européia, por exemplo, na alemã, onde pra mim estão as melhores Universidades, havia o doutoramento, mas o pessoal fazia o doutoramento com 24 anos de idade, que era mais ou menos a idade em que a gente se formava na Escola Politécnica. Na Faculdade de Direito também era com 24 anos, mais ou menos, que a pessoa terminava o curso. Daí tende-se a conservar de fato a tradição européia. Mas agora não, as pessoas vão se formar com 30 e tantos anos, e isso é absurdo.

L. e L. — E anti-social também, porque como as vagas de pós-graduação são limitadas, aquelas pessoas ficam ocupando vagas por um tempo infinito. E outros não conseguem ingressar no curso.

M.S. — É, também tem esse lado. Mas a questão é a seguinte. Eu acho que o mais grave pra mim é o lado biológico. Porque a pessoa envelhece sem aproveitar o seu potencial, fica perdendo anos e anos, fazendo cursos, coisas assim, que não dão rendimento. A pessoa pode entrar lá pra fazer pesquisa, mas já não está no ponto ótimo, já está bem cansada. Pois. é. E isso em certas áreas, eu não sei, eu conheço melhor as coisas na área de Física, Matemática e Ciências. É possível que em Literatura e Ciências Sociais a idade não seja tão importante, pode ser, não sei. Não estou dizendo que é ou que não é, eu simplesmente não tenho informação pra me manifestar quanto a esse ponto. Mas no caso das ciências exatas existe uma coisa muito bem sabida.

L. e L. — É. eu ia perguntar: é sabido que os trabalhos de descoberta nunca são feitos depois dos 25 anos.

M.S. — As descobertas mais originais são feitas por gente em geral de 20 e poucos anos, por aí, às vezes até antes. Então, esse negócio de alongar excessivamente o curso, certamente num grande número de casos, se não forem todos, é negativo. Está certo que algumas coisas podem depender de experiência, é claro. De uma certa maneira,

talvez a pessoa com 18 anos não tenha condições de ser um bom filósofo, um historiador que precisaria de mais amadurecimento. Tem certas habilidades humanas que precisam realmente de maior prazo. Mas essas que não dependem muito do amadurecimento, dependem só da vitalidade, e eu acho que é a maioria, essas ficam muito prejudicadas com esse sistema de curso muito longo. Longos e ineficientes. Se fossem longos e eficientes. Quando eu entrei na Faculdade — pra você ter uma idéia, quando foi fundada a Universidade de São Paulo — o curso de Física era de três anos, não era nem de quatro, era de três. Depois foi alongado.

L. e L. — E quando foi que o sr. entrou?

M.S. — Eu entrei logo na fundação, em 34.

L. e L. — Ah, em 34? Foi aluno da primeira turma?

M.S. — Sou da primeira turma.

L. e L. — Não diga! Quantos alunos tinha sua classe? Dois, três?

M.S. — Tinha um número pequeno. Tinha mais gente, porque tinha gente que não estava inscrita e vinha assistir aula; tinha uns que gostavam de Matemática, outros de Física. Aliás, eu já era engenheiro, tinha me formado na Politécnica em 35. Depois, em 36, eu terminei o curso de Matemática na Faculdade de Filosofia. A turma da Matemática tinha, não sei o número exato, uns seis, por aí, pra se formar em Matemática. Mas em Física, só se formou um. Pra você ver como eram as turmas.

L. e L. — E os professores eram estrangeiros?

M.S. — Os nossos professores eram todos estrangeiros, na seção de Física e Matemática. Em geral, parece, eles se subdividiam pelos vários países. Então os professores italianos vieram pra Matemática e para a Física, os professores de Química eram todos alemães. E era assim, uma divisão entre vários países, mas nós “caímos” com os italianos e, aliás, nos demos muito bem.

L. e L. — E os alunos tinham que ser políglotas, então?

M.S. — Você sabe, no nosso caso, primeiro de tudo, era fácil entender, podia-se falar com o professor em italiano, que

a gente já entendia mais ou menos. Ainda mais que, antigamente, em São Paulo, se falava muito mais italiano do que agora. E quando eu cheguei a São Paulo (1933) a gente andava pela rua e ouvia falar italiano do outro lado, e a gente se acostumava a ouvir italiano e já ia acostumando o ouvido. Eu não tive nenhum problema, apesar de ter estudado em italiano. Acho que ninguém teve problema. Acredito que tenham tido em outras áreas, na área onde havia professores alemães. Quanto aos professores alemães, que eu saiba, vieram alguns também pra História.

L. e L. — Como foi o impacto de toda essa ciência européia chegando aqui. na cabeça dos alunos?

M.S. — Não foi só na cabeça dos alunos. Porque a Faculdade de Filosofia funcionava um pouco como funciona o *Collège de France*, em Paris. As pessoas vão assistir às aulas, mesmo não estando matriculadas. Vão lá, assistem às aulas, às conferências. Muita gente, por exemplo, que gostava de Matemática, vinha assistir à aula do curso de Matemática, pessoas que gostavam de Filosofia ou História, vinham às aulas desses cursos. Havia um professor francês cujas aulas eram verdadeiras conferências, tantas pessoas ousando ouvi-lo em francês. Era um conferencista exímio; então as aulas dele eram muito freqüentadas, possivelmente o mesmo acontecia com outros, eu não conheço todas. Porque houve professores muito eminentes aqui na Faculdade de Filosofia, e o impacto foi muito grande.

L. e L. — E o que vocês fizeram causava uma transformação, em poucos anos, no pensamento brasileiro, na produção científica?

M.S. — Causava transformação; começou, por exemplo, a gente pode dizer, quando da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras aqui em S. Paulo. Depois fundaram outra no Rio.

L. e L. — A nova Mendes Teixeira?

M.S. — Não, não, a Mendes Teixeira é uma outra; essa já foi depois. Mas, na Universidade do Rio de Janeiro, foi também criada uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como a nossa aqui de São Paulo. Depois foi

criada uma outra Universidade lá, mas que era do Estado do Rio de Janeiro e que é equivalente à nossa. Havia uma exatamente igual à nossa, que funcionava ali onde é a Faculdade Nacional de Filosofia. A daqui era estadual, mas a de lá do Rio de Janeiro já era federal. Depois criaram uma do Estado do Rio.

L. e L. — Não era na Praia Vermelha, de que até se falava muito?

M.S. — Não. Na Praia Vermelha tinha várias escolas. A Medicina era na Praia Vermelha. Mas havia algumas outras que também estavam na Praia Vermelha, como o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Mas a Faculdade de Filosofia mesmo, lá do Rio de Janeiro, ficava perto do Aeroporto, esqueci o nome da rua. Agora, outras que talvez pudessem funcionar em outros lugares: a Física, por exemplo, funcionava ali, em Letras. Daí nasceu realmente um trabalho de pesquisa; posso dizer que muitas ciências começaram a ser ministradas ali. É claro que mesmo na área de Física, de Matemática, havia algumas pessoas notáveis. Mas não havia nem sequer escolas para formação regular de matemáticos nem de físicos. Quer dizer, em geral, a pessoa que gostava de Matemática e de Física ia pra escola de Engenharia, Escola Politécnica, a que gostava de Biologia ia pra Faculdade de Medicina, que era o que estava mais próximo.

L. e L. — Essas pessoas então iam direto estudar nas escolas de aplicação, nas escolas técnicas, Engenharia e Medicina, e não na Faculdade de Filosofia, porque não havia institutos ainda.

M.S. — Na parte de Letras era a mesma coisa. Em geral, o literato ia pra Faculdade de Direito, mas a Faculdade de Direito não é uma escola de literatura, é uma escola técnica também, profissionalizante. Mas, naturalmente, havia uma tradição nas Faculdades de Direito, os estudantes mesmo tinham várias organizações literárias.

L. e L. — E isso encorajou uma literatura eloqüente? E retórica.

M.S. — Na Faculdade de Direito, ali no Largo São Francisco, passaram muitas das maiores figuras da literatura brasileira.

L. e L. — A presença desses professores estrangeiros, no início da Faculdade de Filosofia, não prolongou entre nós, no Bra-

sil, uma espécie de tutela, própria do estágio colonial brasileiro?

M.S. — Eu não acho que tenha acontecido isso, não. Pelo menos, eu não tenho experiência de toda a Faculdade, não garanto pra você. Isso vocês teriam que perguntar ao pessoal de Letras. No que eu posso lhe dar um depoimento, é da seção de Matemática, seção de Física, que eram as seções com maior contato. Se se passou nas Letras, eu não posso afirmar nada com segurança. Mas tinha algumas notícias do que se passava na parte de Filosofia, que era aonde havia uma repercussão maior. Aqueles cursos, aqueles acontecimentos, tinham muita repercussão. Nas outras áreas, eu não sei realmente, não tinha praticamente nenhum contato com aqueles professores alemães que estavam lá nessas áreas de Ciências Biológicas, Químicas, etc.

L. e L. — Posso fazer uma pergunta, professor?

M.S. — Se você me permitir, como eu acho muito importante essa pra vocês, eu gostaria de antecipar alguma coisa. Há poucos dias nós ouvimos o professor Antonio Candido, e justamente ele não via como um colonialismo cultural a presença dos professores estrangeiros.

L. e L. — Acho que ninguém viu.

M.S. — É, ninguém viu? Isso que eu queria do seu depoimento. Ninguém viu e nem vê. Não havia essa idéia de um colonialismo cultural e tanto mais que havia diversificação, pelas áreas nacionais. E também se evitava que ficasse, por exemplo, só uma tendência, uma forte tendência francesa, ou italiana. Física e Matemática tinham professores italianos, havia alguns professores italianos também lá pela área de Biologia, Química, não é? Mas havia também italianos em Literatura.

L. e L. — Ungaretti.

M.S. — Ungaretti, que era considerado um dos grandes poetas da Itália. Foi um período muito bom, estimulante e que marcou pra mim. Foi a única época estimulante que houve na USP, que agora não existe.

L. e L. — Professor, do lado oposto, a gente poderia dizer que esses estrangeiros, que estiveram aqui na fundação da Fa-

culdade de Filosofia, ajudaram a formar uma ciência brasileira, ajudaram a formar uma tradição em pesquisa e ensino?

M.S. — Exato. Eu não posso afirmar que fizeram isso em todas as áreas, mas eu acho que na maior parte das áreas isso aconteceu. Não se pode generalizar, tem que pegar área por área, porque os problemas não são os mesmos nas várias áreas. Por exemplo, pega a área aqui da Filosofia. Na área da Filosofia havia uma certa tradição brasileira, sem dúvida, e que vinha do século passado, com Tobias Barreto e outros. Então já no século passado havia uma certa tradição filosófica. Mas é possível, eu tenho a impressão, que já no período colonial tenha havido alguma tradição filosófica. A Faculdade de Direito foi depois instalada num convento, tanto a de Recife como essa aqui, de São Paulo. As duas foram instaladas em conventos, é possível que tenha havido uma certa tradição de filosofia católica. Deu muito bem condições para tanto.

L. e L. — Agora, a Faculdade de Filosofia, de 34, é realmente a primeira Universidade que houve no Brasil, no espírito de pesquisa?

M.S. — Bom, não foi só o espírito de pesquisa, porque já havia aqui no Brasil centros de pesquisa, por exemplo o Instituto de Pesquisas Biológicas. Havia centros de pesquisas científicas, uma pesquisa mais aplicada. Havia outross centros, que foram criados depois; já antes da criação da Universidade havia alguns. Principalmente ligados a problemas econômicos. Até vamos dizer que aqui em São Paulo o desenvolvimento da agricultura era devido à catástrofe. Uma praga, não sei de quê, levou à criação do Instituto Agrônomo de Campinas.

L. e L. — A praga do café levou à criação do Instituto Biológico.

M.S. — A peste, a febre amarela e outras coisas levaram à criação do Instituto de Manguinhos. A gente tem que ver, a área biológica estava muito ligada ao problema de Saúde Pública, que havia uma situação de calamidade, os problemas de saúde pública eram terríveis aqui.

L. e L. — E a varíola?

M.S. — Bom, varíola nem se fala. Eu me lembro que quando criança era muito grande a quantidade de pessoas com

marcas de varíola no rosto. Mesmo colegas meus. Enfim, a gente não deve subestimar algumas instituições, como esses institutos biológicos, que prestaram um grande serviço. E também nas escolas politécnicas houve uma certa pesquisa matemática. Na escola Politécnica já havia certa tradição, pouca coisa, mas realmente a fase nova da ciência brasileira começou com a criação das Faculdades de Filosofia. Agora há outras instituições e também centros de pesquisa que não são diretamente ligados à Universidade. O Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, um dos maiores centros de pesquisas físicas do Brasil, não está ligado a nenhuma Universidade, está ligado diretamente ao CNPq. Há o Instituto de Pesquisas Matemáticas, também diretamente ligado ao CNPq. Mas não são institutos universitários, de um certo modo eles são um prolongamento de outras unidades de ensino antigas, como esses institutos biológicos, que não eram institutos universitários. Eram institutos de pesquisa científica.

L. e L. — O sr estava definindo o sistema universitário que, vamos dizer, tem um primeiro corte em 34, com a criação da Faculdade de Filosofia — a grande novidade — como uma verdadeira universidade.

M.S. — Como uma verdadeira universidade no sentido europeu da palavra.

L. e L. — Depois há um outro corte.

M.S. — Pra não fazer confusão, aqui no Brasil legalmente existiu uma universidade nacional, que não era universidade verdadeira; era universidade só de nome. As universidades verdadeiras só surgiram depois de criadas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, primeiro aqui em São Paulo, depois no Rio de Janeiro.

L. e L. — E, segundo eu entendi, há uma outra ruptura nesse período de 64, 68, 69; então, desintegra-se de novo.

M.S. — Não, aí se deu uma ruptura — eu não sei exatamente o que aconteceu em todos os estados —, mas houve um afastamento enorme dos professores universitários. Parece que no Brasil foram aposentados mais de cem professores universitários. Em geral eram personalidades marcantes, como também outros que não eram professores

universitários. Realmente, desde 64 a situação das universidades já começou a sofrer o processo repressivo. Desde 64 foram presos muitos professores. Eu mesmo fui preso uma semana depois do golpe e passei a maior parte do ano de 64 preso. Muita gente foi presa, fugiu para o exterior, foi embora do Brasil. Quer dizer, esse período foi muito ruim pra gente, se bem que certas áreas foram estimuladas exatamente pelo protesto. As áreas artísticas, o pessoal de teatro, de cinema, tiveram uma reação grande, logo depois de 64.

L. e L. — Agora o sr. voltou a dar aula, o sr. foi anistiado devidamente, não foi?

M.S. — Eu fui mas não voltei. Quer dizer, mesmo antes de ter sido aposentado, eu já tinha sido preso várias vezes, fui preso aí com um processo. Finalmente, e isso é até curioso, quando fui absolvido de todos os processos, aí eu fui indiciado no AI-5. Quando não tinha mais processo nenhum, inventaram este modo de manter-me à margem.

L. e L. — Foi em 69 então, entre 64 e 69, que o sr. teve esses processos, ficou foragido, ficou preso. Aí, quando terminou tudo, em 69, o AI-5 pegou-o.

M.S. — É, eu liquidei todos os meus processos em 66, fui absolvido pelo Superior Tribunal Federal, então fiquei livre de qualquer processo. Tanto que eu continuei ensinando na USP, porque estava sem correr nenhum processo. Aí foi. Primeiro foi aplicado o AI-5 no Rio de Janeiro, não me lembro quantos foram, talvez até mais, inclusive, que aqui em São Paulo. Também nas listas do Rio de Janeiro, como se sabe, constavam alguns professores da USP, que foram aposentados na lista do Rio. Artigas, se não me engano, Florestan.

L. e L. — Não, Florestan está na lista da USP, de abril de 69, que é a sua.

M.S. — É a minha. Então foi apenas uma semana de diferença. Numa semana saiu a lista do Rio, na semana seguinte a de São Paulo. Não sei porque, alguns professores de São Paulo, não foram muitos não, estavam na lista do Rio. Eu me lembro com certeza que o Villanova Artigas

estava na lista do Rio, e me parece que o Florestan, não sei.

L. e L. — O sr. notou muita diferença, por exemplo, voltando a dar aula agora: nesses dois, três últimos anos está tudo muito diferente? Os alunos são diferentes? Os colegas são diferentes? E o espírito é diferente? Está muito diferente em relação ao que era até 64?

M.S. — Muito diferente. Enfim, ficou tudo muito burocratizado, mais burocratizado do que era até 64.

L. e L. — Fala-se tanto em burocratização da Universidade nos últimos anos. Com o processo de abertura, todo mundo fala muito nisso. E parece que um dos alvos da democratização é a desburocratização também. O que o sr. acha disso?

M.S. — Eu acho ótimo. Não há dúvida de que a desburocratização é um elemento essencial pra isso. A Universidade agora está tremendamente burocratizada, bem mais do que era antes.

L. e L. — E a democratização poderia ser uma solução para esse tipo de problema?

M.S. — O que quer dizer a palavra democratização?

L. e L. — Eu também não sei.

M.S. — Tão enxovalhada, né?

L. e L. — Parece que se pensa numa divisão do próprio poder dentro da USP sobretudo numa descentralização, de tal maneira que um número maior de pessoas possa ter acesso aos órgãos decisórios, e possa atuar nas decisões.

M.S. — O que há na USP é diferente, ao contrário das universidades federais em que, em geral, o reitor é muito poderoso. Agora eu não sei como é que está a situação, o reitor da USP tinha menos poder, que é maior nas universidades federais. Não tinha tanto poder aqui na USP

L. e L. — Quer dizer que agora é exatamente o contrário.

M.S. — Não, acho que não é, sabe, na USP o poder estava concentrado mais no Conselho Universitário. Tanto que en-

trava e saía reitor, mas você via que eram as pessoas da Politécnica que manobravam o Conselho Universitário, aqui em São Paulo. Quem não “apitava” muito era o próprio reitor. E o Conselho Universitário era excessivamente poderoso e participante. O processo de democratização aqui em São Paulo certamente exigiria a diminuição do poder dos membros do Conselho Universitário.

L. e L. — Pra outros órgãos colegiados? De dentro da Universidade, de nível mais baixo que o Conselho? É isso que o sr. está dizendo?

M.S. — É, descentralizar os poderes daquele Conselho Universitário que são muito grandes, são excessivos. Naturalmente, já eram grandes mesmo antes, mas a coisa se agravou com a Reforma Universitária.

L. e L. — Mas o sr. acha que é possível a desburocratização de uma Universidade gigante, como a USP? Colocando melhor a questão, será que essa burocratização que nós sofremos era inevitável, dado o gigantismo da USP?

M.S. — Bom, eu vou dizer que pode ter sido um dos fatores, mas independentemente do gigantismo foi a própria filosofia geral, que era autoritária. A filosofia que foi implantada depois de 64 e que não é filosofia liberal, é fascistóide. Tudo isso favoreceu o autoritarismo. Agora, a universidade precisaria ser desmembrada. A USP parece, já está pensando assim. A USP é muito grande, tem um número excessivo de estudantes. E não é aconselhável uma universidade com 40 mil estudantes ou coisa assim. O ideal para a universidade é ter uns dez ou quinze mil, aí fica uma coisa bem mais flexível. Porque não é necessário que haja uma só universidade no Estado ou na cidade mesmo. Como se fez em Paris, onde fracionaram a Universidade em vários *campi*.

L. e L. — Desmembraram.

M.S. — Desmembraram pra ter várias universidades dentro de Paris, em vez de uma só. A Sorbonne foi desmembrada.

L. e L. — Isso não poderia ser feito com a própria USP desmembrá-la em vários *campi*, mas com uma administração cen-

tral, para evitar inclusive o desperdício de várias administrações, que custam muito caro para o Estado?

M.S. — Bom, simples, evidente. A maneira de fazer também, mas a possibilidade.

L. e L. — O sr acha a autonomia uma condição *sine qua non* para um bom desempenho, numa universidade que se preze?

M.S. — Não sei dizer assim de maneira tão abrangente. Mas de um modo geral, eu sou favorável à autonomia universitária. As universidades eram autônomas, até certo ponto, mas depois do AI-5 a universidade perdeu muito da autonomia.

L. e L. — Seria possível pensar a autonomia universitária, professor, sem a autonomia financeira? No sistema atual, a universidade, quer queira quer não, é dependente do governo, do poder central, porque o poder central, enfim, é quem financia a universidade.

M.S. — É muito difícil, hoje em dia, a universidade se manter. As universidades particulares não se mantêm mais, elas recebem auxílio do Estado. Porque não dá hoje pra manter a universidade. Poderia dar, claro, se algum governo capitalista auxiliasse a universidade para ela também gerar recursos.

L. e L. — Não, eu pensaria numa outra coisa, professor, de que já se falou muito, que é incluir na própria constituição um artigo de lei que obrigue o Estado a dar um percentual do orçamento às universidades, para evitar que fique na dependência do governo, ou do governador, mais especificamente, o *quantum* acertado cada vez que se faz o orçamento da universidade.

M.S. — Por parte do Ministério da Educação acho que existe uma coisa desse tipo. Aqui na administração estadual, acho que isso ainda não existe, que o governo tenha que dar tanto % para a USP, e pronto. Existe alguma coisa na área federal, no governo do Estado, não.

L. e L. — Mas, diga, para não perder o fio que estava muito interessante. Quer dizer que agora, quando o sr voltou a dar aula, notou muitas diferenças e uma delas, de

que o sr. falou logo, foi a burocratização. Há outra? Que mais o sr notou de muito diferente? Vai bem a Física?

M.S. — Bom, de um modo geral, eu não acho que nada vai bem na USP, nem a Física. A Física certamente não vai bem, mas não sei se vai pior do que outras, na USP. Bom, uma coisa que constatei na secretaria da Física, mas que já ouvi falar a respeito de varias outras escolas, parece que é geral: o que está muito ruim na USP são os cursos de graduação, estão péssimos. Professores e alunos estão quase, digamos, perdidos nos cursos de graduação. Caiu tremendamente o número em toda parte, quando vem alguma informação, é sempre ruim. Na ECA, em Arquitetura, esses cursos de graduação estão péssimos.

L. e L. — Entre nós está ocorrendo a mesma coisa.

M.S. — Eu não sei muito bem qual é o motivo, mas parece que é geral isso, pelo menos ouço falar que a graduação caiu muito, eu não sei, parece que um dos motivos foi ter turmas muito grandes. Não sei direito., não tenho bem condições de avaliar os cursos de graduação e pós-graduação.

L. e L. — Nesse caso a pós-graduação não estaria, de certo modo, substituindo, ou cobrindo, as deficiências da graduação?

M.S. — Está. O que é pós-graduação agora, antigamente era matéria de graduação.

L. e L. — Exatamente. Então está causando deficiência na graduação.

M.S. — Porque a graduação é supletivo, secundário. O problema vem da base mesmo. A graduação em geral está num nível muito ruim. No ano passado os alunos da graduação me pediram que eu fosse dar um curso sobre a evolução dos conceitos da Física, e lá então eu pude constatar o problema com mais rigor

L. e L. — Para que ano?

M.S. — Para o 3º ano. E dei o ano passado esse curso, e foi quando entrei em contato pela primeira vez com os alunos da graduação. A graduação está péssima. Mas eu

também verifiquei em muitas universidades brasileiras, em outras cidades, que a situação da graduação em geral é ruim.

L. e L. — Que mais, professor? Então o sr. já falou da burocracia, apontou as diferenças, quer dizer, o que está diferente agora. A burocratização excessiva, o baixo nível da graduação, que mais?

M.S. — Com o alongamento excessivo dos cursos, acontece o seguinte: antigamente, quando eu entrei na Faculdade de Filosofia, o curso era só de três anos, depois foi aumentado para quatro anos, não havia nenhum curso de pós-graduação, nem nada. Depois, foram criados mais cursos, mas, dentro da graduação onde muita gente dá a matéria da pós-graduação, embora não fossem cursos de pós-graduação. Agora as pessoas já vêm muito mal preparadas do ginásio, do secundário. Então a graduação supre, ou tende a suprir, estas deficiências.

L. e L. — Como é que o sr. vê o futuro da pesquisa científica?

M.S. — A questão é a seguinte: a impressão que a gente tem, quanto à graduação, é que parece haver uma decadência. Não se limita só à Faculdade. Acho que em geral acontece o mesmo.

L. e L. — É nossa experiência também.

M.S. — A graduação decaiu. Parece que em todas as áreas. Isso deve ser, em grande parte, conseqüência já da deficiência do secundário. A questão é a seguinte, não é só no curso de Física. Se fosse uma questão do curso, ineficiência dos cursos, seria fácil solucionar. Mas a questão é que já há uma mentalidade errada que os estudantes adquirem desde o secundário. Eles já chegam à Faculdade bastante corrompidos. A graduação é um problema, de modo que quando a pessoa tem um ginásio muito ruim, os primeiros anos vão servir apenas para completar o curso ginasial. Então a graduação caiu muito.

L. e L. — Nós já conversamos sobre este problema e achamos que a pós-graduação vale mais lá no seu setor, onde recebe um tratamento mais adequado.

M.S. — Não sei, isso pode variar de setor para setor, mas se os alunos já vêm da graduação mal-preparados, isso prejudi-

ca o curso de pós-graduação. Porque quando chegam na pós-graduação, eles têm que reparar muitas deficiências do curso de graduação. E muitas matérias que no meu tempo eram dadas no curso normal, hoje são dadas em pós-graduação. A pós-graduação fica em grande parte dedicada a reparar lacunas.

L. e L. — Os alunos de Física se preparam para quê? Eles se formam para serem o quê?

M.S. — Têm várias opções. Alguns partem, não sei qual é a proporção, para ensino secundário, para ser professor de Física. Agora, tem outros que já começam a trabalhar em coisas técnicas.

L. e L. — E hoje tem mais campo.

M.S. — Campo mais amplo, e há várias coisas que eles fazem, tem alunos de Física mexendo com computação.

L. e L. — E para pesquisa, vão muitos?

M.S. — Tem muita gente fazendo teses também. Mas eu acho que, em geral, o nível dessas teses não é muito bom. O que não significa fazer pesquisa. Fazer alguma pesquisa, talvez em certos casos, não é pesquisa. Há um certo tipo de pesquisa que é tão pouco criativa, que quase não merece o nome de pesquisa. Eu tenho a impressão de que o que está se fazendo hoje na Universidade, muita coisa que se chama de pesquisa, nada tem a ver com isto. Porque a verdadeira pesquisa deve ser uma coisa muito criativa, muita coisa que se chama de pesquisa na realidade não chega a ser pesquisa. não é nem documentação, não merece mesmo o nome. Se você pegar uma tese aí de Ciências Sociais, vê que ela pode ser feita de várias maneiras. Pode ser um estudo sociológico, principalmente uma acumulação de dados, materiais, etc., sem chegar à pesquisa propriamente. Em geral, no entanto, pelo que eu ouço, o problema mais grave se encontra na graduação.

L. e L. — O que o sr. sugeriria para alterar essa situação e talvez tentar melhorá-la?

M.S. -- Uma verdadeira melhora só vai haver com a redução de tempo dos cursos. Eu acho que a pessoa tem que se diplomar não depois dos 25 anos, que era mais ou menos

a idade em que se diplomavam na Politécnica. 25 anos é o limite máximo que se pode admitir; a partir daí, a coisa começa a dar um resultado ruim. E é uma idade em que, tenho a impressão, o pessoal ainda está em nível de graduação.

L. e L. — Então, o sr. diz que se diplomavam aos 25 anos, isto é, tendo terminado aquilo que, hoje, inclui graduação e pós-graduação completos?

M.S. — Não, tem que ser já com a tese de doutoramento feita, com 25 nos. Agora não acontece isso, agora começam a fazer tese de doutoramento mais tarde.

L. e L. — Isso inclusive é um ônus relativamente pesado para a sociedade, que custeia, no fundo, a permanência desse estudante dentro da Universidade. E por aí, eu chegaria a uma outra pergunta, professor: a Universidade atual, como ela está concebida, com seus vários cursos, atende a uma demanda ou às necessidades sociais do país?

M.S. — Bom, isso eu acho que deve variar muito de setor para setor.

L. e L. — Especificamente no seu setor, professor?

M.S. — Aí a coisa é um pouco complicada, pelo seguinte: aqui no Brasil não existe ainda uma tradição da indústria contratas físicos. A indústria, em geral, contrata engenheiros. Até existe uma legislação que barra a participação dos físicos em muitas coisas, os dirigentes de monopólios. Então aqui são mais engenheiros que vão para a indústria; há físicos, também. Mas eu tenho a impressão de que não saberia lhe dar os números exatos. Tenho a impressão que uma boa parte do pessoal formado em Física ainda vai para o ensino secundário.

L. e L. — Eu queria perguntar o seguinte ao sr : como é que o sr. vê as relações entre a universidade, principalmente a nossa universidade, e a sociedade brasileira? Essa sociedade é indiferente ao desempenho da universidade? É amistosa, é hostil, como é que é?

M.S. — Não sei dizer, eu acho que hostil não é. Talvez em certos setores haja uma certa hostilidade contra a Universidade. A Universidade no Brasil, eu tenho a impressão de que

ainda é um privilégio da classe média-alta, ainda no tempo em que havia a baixa classe-média, enquanto as outras classes não participavam da Universidade. E era uma coisa dura antigamente, sustentávamos o estudante por dez anos. O que também cria problemas para a família. Antigamente uma pessoa se formava com 25 anos, mas agora fica até os 34 anos para se formar. Me disseram também que grande parte dos doutorandos, hoje, recebem bolsas.

L. e L. — É, da FAPESP, do CNPq, da CAPES.

M.S. — Mas seria importante saber se há uma compensação desse pagamento como retribuição posterior. Eu acho que não há não. Não há, porque o ensino é deficiente, embora haja exceções. Muitos vão aprender depois, na prática, o que não aprenderam na escola. Basta ver que a gente tinha um curso de três anos, que depois passou para quatro anos, e hoje em dia, onde já estava encerrado o curso, a pessoa está só saindo da graduação. Está a meio caminho ainda. Não acho que a situação da universidade brasileira tenha melhorado. Incluindo a impressão que eu tive, e muita gente teve, quatro dos muitos casos dos que saíram do Brasil naquela ocasião não voltaram. A maior parte talvez não tenha nem voltado.

L. e L. — Muitos até que nem saíram do Brasil estão aqui mesmo mas não voltaram à universidade.

M.S. — Bem, desses que saíram e não voltaram, eram exatamente as melhores cabeças que tinha a universidade.

L. e L. — E o sr. acha que têm melhores condições de trabalho lá fora?

M.S. — Ah, sim. Têm. Houve certas áreas aí da USP que foram tremendamente atingidas, por exemplo a área da Medicina. Era gente muito boa, que hoje está com grandes posições internacionais.

L. e L. — A equipe do Samuel Pessoa, o Luís Hildebrando.

M.S. — Nessa área tinha gente muito boa, mas em Física também houve muitas perdas. Pessoas que estão hoje em posições importantes saíram daqui e não voltaram mais. Há certas pessoas que lutam, como esse Samuel Pessoa. Aliás

todos eles lutaram. O diretor da Organização Mundial de Saúde naquele tempo, não sei se ainda é agora. Muita gente saiu. Alguns voltaram, mas a maioria, acho que não voltou não.

L. e L. — Afora as nossas perguntas, há mais alguma coisa que o sr. pensa e que gostaria que fosse publicada?

M.S. — Bom, há muitas questões, os problemas são muitos. Eu sou favorável a um presidente da Universidade. A Universidade não deve ser muito política, passa de um certo número, tem que se desmembrar para poder funcionar.

L. e L. — Bem, eu me lembro, trabalhei há pouco tempo numa pequena cidade francesa, Lyon, que tem hoje uns 2 milhões de habitantes, portanto, pouco grande, e tem 3 Universidades.

M.S. — Em Paris também tem muitas, nem sei quantas são, sete, oito.

L. e L. — Mais, tem treze, catorze.

M.S. — Também nos Estados Unidos a tese que eles adotavam era que a universidade não devia passar dos 10 mil estudantes. Há muito tempo, muitas dessas universidades estaduais estão desmembradas em várias cidades.

L. e L. — Existe hoje uma corrente que está tentando se fazer ouvir: em vez de investir mais dinheiro na Universidade pra tentar mudar o que está aí, melhorar o ensino secundário na sua totalidade. Seria preferível investir maciçamente no curso secundário? Porque essa é uma tese, a de que as condições brasileiras ainda não comportam um nível universitário de alta categoria?

M.S. — Mas a questão é saber se há condições de melhorar o ensino secundário, experimentar no curso secundário. Eu tenho a impressão de que é preferível investir no secundário do que dar mais importância à privatização maciça desse setor.

L. e L. — Mas parece meio paradoxal isso, porque se pra melhorar o secundário nós precisamos de um maior número de professores com boa formação, se a Universidade é desamparada e piora ainda mais, como fazer com os professores para melhorar esse secundário?

- M.S. — Eu acho que mesmo no ensino superior, houve um equívoco muito grave: embora se fale muito em universidade particular, que hoje existe às pencas no Brasil inteiro, essas universidades são alimentadas com dinheiro do Estado. Eu acho que esse dinheiro é que não poderia entrar nessas Universidades.
- L. e L. — Professor, eu gostaria de fazer uma pergunta, ainda: o sr , como professor e pesquisador, acha que as atividades de pesquisa e de ensino podem ser bem harmonizadas? Ou, para que haja uma verdadeira pesquisa a pessoa deve ficar um tempo só na pesquisa? Como é que o sr vê essa integração da pesquisa e do ensino? Como é que o sr. viveu isso, porque essa é a experiência que nós estamos vivendo.
- M.S. — Varia, mas em geral é nossa tradição, a não ser para as pessoas que trabalham em institutos especializados. Na verdade, isso parte da Física mesmo, as coisas mais importantes de hoje já não são nem feitas nas universidades, são feitas em institutos especializados, com melhores equipamentos. Então, existem os chamados institutos nacionais, de que aqui no Brasil já se está também começando a cogitar, especializados em tal área. Não na ciência toda, mas em uma área específica.
- L. e L. — Como na França, alguma coisa assim?
- M.S. — É, como na França, nos Estados Unidos: institutos nacionais. Na Física há um setor importante. Há muita coisa, mesmo na parte de pesquisa, que já não dava para ser feita na Universidade. Então há esses institutos nacionais que têm equipamento melhor que as Universidades. E o pessoal que trabalha lá, também é professor universitário, só que eles tiram licença na Universidade, por meses, anos até, e vão trabalhar no Instituto Nacional, pra fazer as pesquisas. Ou vão durante as férias. Tem várias formas. É preciso; esses institutos nacionais especializados precisam.
- L. e L. — Estando um pesquisador numa pesquisa importante, em vias de chegar a resultados importantes, o sr. acha que o fato dele ao mesmo tempo estar dando aula, o estimula, contribui para o resultado dessa pesquisa, ou faz com que ele disperse sua concentração?

M.S. — Bom, depende. Não se pode dar assim uma idéia geral. Há certas experiências que devem ser feitas com muita intensidade, principalmente as experiências que envolvem materiais que são muito custosos. Aí é que é preciso trabalhar rapidamente para baratear os equipamentos. Nesses casos a pesquisa tem que ser feita com a maior intensidade. Enfim, há muitos fatores a levar em conta mas eu acho que há alguns que são extremamente urgentes. É urgente melhorar a universidade, deixando fazer o doutoramento cedo. Eu acho que o ideal seria a velha tradição européia. Muitos países não têm nem tradição de doutoramento. Países como a Inglaterra, com uma tradição cultural tão formidável, não tinha doutoramento até antes da 2ª Guerra Mundial. E outro país também, que não tinha doutoramento, era a Itália. Só recentemente foi criado, e é engraçado que são uns alunos medíocres. Mas lá, em Física, era um curso de 4 anos, no fim, no último ano, a pessoa já fazia uma pequena tese. O final do curso obrigava a uma pequena tese que conferia o grau de doutor.

L. e L. — Que é uma espécie de conclusão de curso.

M.S. — Sim, mas muitas descobertas de grande importância apareceram nessas teses. E isso é muito interessante, porque no atual sistema de pós-graduação, quando alguém vem com uma pequena tese do exterior, não é dada a equivalência, porque não foram feitos tantos créditos de curso, tantos anos de trabalho de base, etc. As avaliações são muito deficientes, inadequadas, critérios diferentes. O valor depende da seriedade com que a pesquisa é tratada, com que o trabalho é encarado, com uma estrutura final. A avaliação ficou tão quantitativa que, quando se trata de dar uma equivalência de títulos, ninguém examina o trabalho mesmo, seu valor científico. Não, não era o número de horas, o que deviam examinar era o resultado final. Então, essas avaliações são muito precárias. E pelo contrário, entende? Aqui no Brasil, num certo sentido, faz-se um excesso de pesquisas. Não é um excesso de boa pesquisa. É um excesso de pesquisa inútil. Você pega por exemplo a área de Biologia, o pessoal lá que trabalha só quer publicar mundos e fundos, mas, em geral, o que eles publicam não vale nada. Vai ver o que é que conteve de contribuição à ciência, não tem nada.

L. e L. — E o sr. acha que seria possível mudar pra valer a mentalidade brasileira, a ponto de a gente ter coragem pra poder julgar a qualidade dos trabalhos?

M.S. — Só se mudar o que está nesse critério quantitativo, para os trabalhos serem mais rigorosos. Qual é a qualidade do que se faz? Aqui acontecem coisas. Eu me lembro uma ocasião em que uma moça fez uma tese, tese que deve ter sido considerada como excelente, pois até foi publicada como livro. Diz-se que é um assunto sobre o qual a bibliografia é mínima, parece que existem três obras a respeito. Essa moça fez a tese dela e não consultou nenhuma das três obras. Quer dizer, o assunto foi recheado de teorias, assim, abstratas. Como não conhece a realidade brasileira, não estudou o que foi assunto dentro de nossa realidade. Essa é que é: ficar na abstração, pra depois publicar um livro, sem consultar a bibliografia existente sobre o assunto, só pode levar a este resultado. Quer dizer, o que se faz é isso. Aprendem-se certas teorias sociológicas aí, que pode ser que se apliquem bem lá na Europa, em outros lugares, mas que não correspondem às condições daqui. Então, vêm aplicar sobre um negócio caboclo como o nosso. É como querer aplicar aqui aquelas teorias sobre partidos políticos, que são feitas na Europa. Não dão certo, é uma mera tapeação. No nosso campo é um tipo de tese característica, metade é assim, teoria e método, e depois a aplicação do esquema. Mas que teoria é, uma teoria que pelo menos se aplique às condições brasileiras? Aí é que está o negócio!

L. e L. — Não é uma teoria aplicada a qualquer coisa.

M.S. — Mas é mal sabida, a teoria. Isso é que é pior. Mal assimilada, conhecida muito pela rama. Uma coisa é uma teoria que deve se aplicar à Europa, Estados Unidos, Japão, outra é uma teoria que vai ser aplicada aqui no Brasil. Que fazem eles? Importam essas teorias para o Brasil, e eles simplesmente aplicam as teorias lá de fora para outra realidade.

L. e L. — Desculpe: o sr. está dizendo que o método é o mesmo, no Japão, na Europa e no Brasil, o partido político, não.

M.S. — Não, um partido é uma coisa diferente de um país para o outro, tem tradições. Não são só os partidos políticos...

L. e L. — Não, a existência de partidos políticos diferenciados significa a mentalidade do povo. E essa diferença é tudo.

M.S. — E mesmo essas teorias de Ciências Sociais ou Literatura, quando elas nasceram lá fora, elas nasceram de um objeto, elas não eram prévias a um objeto, agora, aqui, elas se tornam abstratas, meros modelos, pra serem aplicadas sem base na realidade. Mas também não quer dizer que lá fora não se faça muita coisa ruim. A questão é a seguinte: é que houve um tempo aí, isso eu acho que foi um período péssimo no Brasil, em que apareceu a moda. só se falava em marxismo, estruturalismo, parecia que não existia outra coisa.

L. e L. — Mas acho que já está passando, professor?

M.S. — Passou. Mas era só nisso que o pessoal falava, e ficava estudando certas teorias extremamente afastadas da realidade concreta ou pelo menos da realidade concreta brasileira. Mas acredito que estavam afastadas da realidade concreta até lá mesmo, em países europeus. Estavam fora do mundo, e aqui isto só piorou.